

Boca Livre cria versão para sucesso do Los Hermanos

PÁGINA 3



Obra de Lima Barreto adaptada para o teatro

PÁGINA 6



Pioneiros da cena charme são retratados em doc

PÁGINA 7



2º CADERNO

Aos 77 anos, Cátia de França lança álbum que reafirma sua importância para a música brasileira em meio século de carreira

Por Affonso Nunes

São 77 anos de idade, mais de 50 de carreira e seis discos gravados entre 1979 e 2016.

Pode parecer pouco para uma cantora e compositora, mas a paraibana Cátia de França tem uma obra singular, diversa, eclética, que influenciou e influencia até hoje gerações e gerações de músicos brasileiros e do Nordeste em particular. Neste abril de 2024, Cátia une passado e presente em “No Rastro da Catarina”, seu aguardado sétimo álbum.

“Chegou um momento em que percebi uma cobrança por um novo trabalho, que vinha sempre acompanhada do questionamento se eu havia parado de compor”, conta Cátia, que surgiu na cena musical em 1979 com seu elogiado álbum de estreia, “Vinte Palavras ao Redor do Sol”, com faixas como “Quem Vai, Quem Vem”, “Kukukaya”, “Os Galos” e a faixa-título.

“No Rastro da Catarina” resgata memórias e perspectivas ao longo de 77 anos bem vividos pela

Cátia de França, ou melhor,



da Paraíba



Murilo Alves/Divulgação

artista. Suas 12 faixas inéditas revelam desde os sentimentos juvenis até às incertezas da censura imposta aos artistas brasileiros. A faixa-título nasce de um jogo de palavras a partir do trecho “No Raso da Catarina/ O que vejo é nossa sina/ Enxergo a caatinga/ Branco hospital”, presente na canção autoral “Quem Vai, Quem Vem”.

O novo disco da multiartista paraibana chega também com o sentimento de urgência. “Estou com 77 anos, tenho que fazer o que eu tenho que fazer rápido, enquanto eu estou lúcida”, brincou ela, em entrevista ao portal G1 Paraíba. Lucidez, porém, não lhe falta. Cátia é sabedora de seu lugar no mundo, na música brasileira, e da abrangência de sua obra única e inspiradora.

Meio século de carreira musical é um marco emblemático na vida de qualquer artista do ramo. Com seis discos lançados entre 1979 e 2016, Cátia de França ultrapassa gerações e transita entre palcos e parceiros musicais dos quatro cantos do país.

Sua história envolve evolução de ritmos, experimentações e parcerias com artistas como Zé Ramalho (seu conterrâneo e padrinho musical), Dominginhos, Sivuca, Lulu Santos, Chico César, Elba Ramalho e Bezerra da Silva em seus discos.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Paralamas preparam DVD ao vivo com seus sucessos

Canção de 1988 dos Paralamas explode nas plataformas

O hit “Quase Um Segundo”, dos Paralamas do Sucesso, explodiu em número de reproduções no Spotify nos últimos dias. Foi registrado na plataforma um impressionante crescimento de 534% em seu consumo digital.

É bastante provável que os fãs tenham se empolgado com a realização de um show em São Paulo, há duas

semanas, para a gravação de um DVD repleto de clássicos da banda carioca.

Assinada por Herbert Viana, a faixa, foi lançada em 1988 no álbum “Bora-Bora” e regravada no ano seguinte por Cazusa no álbum “Burguesia”. Um de seus versos diz “Às vezes te odeio por quase um segundo / Depois te amo mais...”

Quebra-recordes

Taylor Swift continua quebrando os próprios recordes nas plataformas de streaming. A cantora americana acaba de bater os 300 milhões de streams em único dia, quando lançou, na sexta, o álbum “The Tortured Poets Department”.

Folia na Ilha

Nos dias 24, 25 e 26 de maio, a Ilha Grande promove o Festival de Fanfarras da Ilha Grande (Figa), que reúne blocos carnavalescos da cena carioca e paulistana. Se apresentarão na Praça Cândido Mendes, na Vila Abraão. A entrada é gratuita.

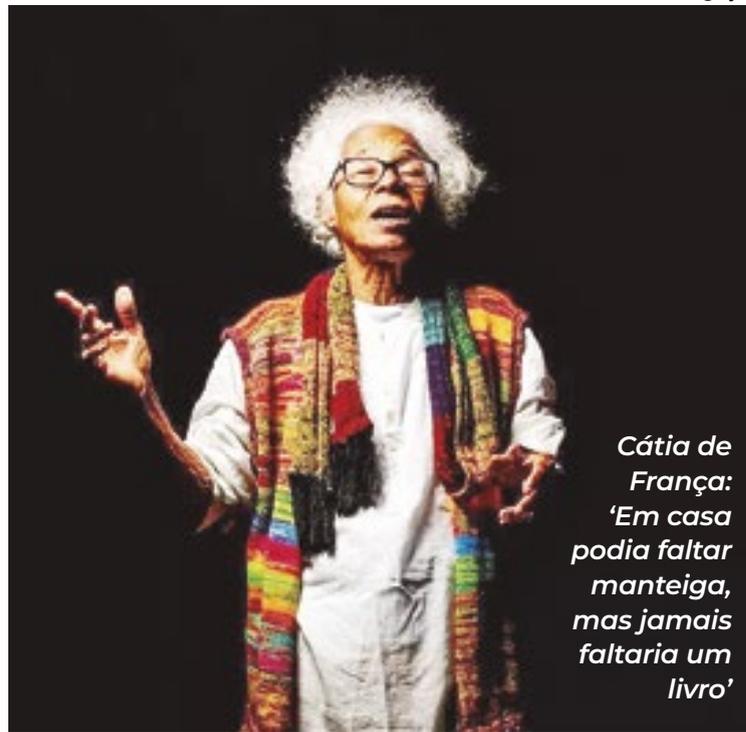
A força de Marília

Morta em 2021 num acidente aéreo, Marília Mendonça continua fazendo história. Segundo dados do Spotify, a brasileira se tornou a primeira artista do país a bater a marca de 10 bilhões de streams na plataforma. Agora já ultrapassa os 12 bilhões.

Folia na Ilha II

Se apresentarão no evento as bandas cariocas Orquestra Voadora, Bésame Mucho, Calcinhas Bélicas, Trombetas Cósmicas do Jardim Elétrico, Biquínis de Ogodô convidam Sungas de Odara e, de São Paulo, o Unidos do Swing.

Divulgação



Cátia de França:
‘Em casa podia faltar manteiga, mas jamais faltaria um livro’

Novo álbum reflete a sonoridade múltipla da artista

“**N**o Rastro de Catarina” é uma obra completa que expõe a poética e sonoridade múltipla de Cátia de França em mais de meio século de carreira. O disco percorre toda a história da artista, desde “Indecisão”, um poema de amor escrito quando Cátia tinha 14 anos e só agora musicado, ao mergulho em seu envelhecimento com “Malakuyawa”, cantando sobre seus cabelos brancos, e veias aparentes. Entre as 12 canções estão parcerias com Khrystal, Regina Limeira e Socorro Lira.

Canções como “Espelho de Oloxá”, “Bósnia” e “Negritude” abordam, entre outras temáticas, sua veia política - sempre marcante em sua carreira - e a identidade negra, além da forte característica da referência

literária em sua arte. A canção “Eu”, por exemplo, faz citação a um poema da portuguesa Florbela Espanca.

A veterana artista confirma, mais uma vez, em suas canções seu lado cronista, mostrando ao público como ela vê o mundo ao redor.

“No Rastro de Catarina” foi integralmente gravado ao vivo em João Pessoa, terra natal da cantora, no Estúdio Peixeboi. O disco foi produzido pelo selo Tuim Discos, também da Paraíba. O lançamento no exterior será pelo selo Amplifica Music.

A banda também foi composta só por músicos paraibanos, o que Cátia de França classifica como “uma fórmula que dá certo”. “Esse disco foi regado por sentimentos de entrega, vontade e confiança. Por isso, eu apostei numa fórmula que deu certo, que é fazer disco novo com músicos paraibanos”, explica.

A banda é formada por Cristiano Oliveira (viola, violão e violão de aço), Marcelo Macêdo (guitarra e violão de aço), Elma Virgínia (baixo acústico, baixo elétrico e fretless), Beto Preah (bateria e percussões) e Chico Correa (sintetizadores e samplers), que também assina a produção musical do disco ao lado de Marcelo Macêdo. “No Rastro de Catarina” conta ainda com participação de Gláucia Lima no vocal, Dina Faria na direção artística e Felipe Tichauer na masterização.

Alfabetizada por sua mãe Adélia de França, a primeira educadora negra do estado da Paraíba, por meio de canções, Cátia de França ou Catarina Maria de França Carneiro, costuma contar que em sua casa “podia faltar manteiga, mas jamais faltaria um livro”.

Apadrinhada pelo compositor e produtor Zé Ramalho, gravou “20 Palavras ao Redor do Sol” (1979), seu primeiro álbum pela CBS, que conta com a participação de Sivuca, Dominguinhas, Sérgio Boré, Chico Batera, Lulu Santos e Bezerra da Silva. Em 1980, lança “Estilhaços”.

Cátia também gravou o LP “Feliz Demais” (1985) e “Olinda” (1986), que teve a participação do grupo Azymuth. Já em 1998, lança o CD “Avatar” pelo selo CPC Umes, do qual participam o contrabaixo Chico César, Xangai e Quinteto de Cordas da Paraíba.

Em 2005, grava “Cátia de França Canta Pedro Osmar”, interpretando músicas do cantor, compositor e instrumentista paraibano. Em 2012, lança o CD independente “No Bagaço da Cana / Um Brasil Adormecido”, com a Camerata Arte Mulher, formada por musicistas eruditas da Paraíba e inspirado em textos de José Lins do Rego.

Com o patrocínio da Natura Musical, Cátia de França lança “Hóspede da Natureza” (2016), inspirado na obra do escritor Henry David Thoreau (1817-1862) e com uma musicalidade que transita do reggae ao blues, passando por bossa nova, rock e bumba meu boi.

E como Cátia de França nunca para de compor, é imperioso que novos álbuns venham somar novos pavimentos a seu sólido edifício musical.

Leo Aversa/Divulgação

Beleza que chegou pelas mãos do vento

Boca Livre lança versão de 'Vento, do Los Hermanos, single que fará parte de 'Rasgamundo', o novo álbum do grupo vocal

Canção lançada originalmente pela banda Los Hermanos em 2005, "O Vento" (Rodrigo Amarante) ganha nova versão nas quatro vozes mágicas do Boca Livre. A faixa, que já pode ser ouvida nos aplicativos de música, é a segunda amostra de "Rasgamundo", próximo álbum do grupo e que marca a volta de um dos quartetos vocais mais emblemáticos da música brasileira.

Um dos integrantes do grupo,

Zé Renato conta que a sugestão para gravar uma música do repertório do Los Hermanos partiu de Marcus Preto que, junto com Zé Nogueira, é um dos produtores do disco. "Depois de ouvir algumas canções, achei que 'O Vento' poderia se adequar à sonoridade do grupo e propus que experimentássemos fazer um arranjo. Depois de algumas tentativas, chegamos em um resultado que, a meu ver, preservou a essência da canção e, ao mesmo tempo, deixou clara a mar-

ca sonora do Boca Livre", pontua Zé Renato.

A faixa tem Zé Renato na voz e nos violões de nylon e de aço; Lourenço Baeta na voz, no ukulele e na flauta; e David Tygel na voz e na viola caipira. Maurício Maestro, além de ter gravado voz e baixo, é responsável pelo arranjo. Também tocam

nesta versão de "O Vento" os músicos Marcelo Costa (bateria e percussão), João Carlos Coutinho (piano elétrico), Aleska Chediak (cello) e Zé Nogueira (teclados e samplers).

Em outubro de 2023, o Boca Livre lançou "Rio Grande", parceria de Zé Renato com Nando Reis, marcando o início de "Ras-

gamundo". Além das duas faixas disponíveis, o álbum terá outra regravação: "Mesmo se Você não Vê", de Tim Bernardes. Todas as demais canções foram escritas pelos integrantes do grupo para esse projeto. Entre as novidades, "Sentimentos Nus", parceria inédita de Zé Renato com Erasmo Carlos (1941-2022).



Zé Renato, David Tygel, Lourenço Baeta e Maurício Maestro: novo disco do Boca Livre será lançado em 17 de maio

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Voz em ascensão

O single "Good Luck, Babe!", lançado no início do mês, vem conquistando ouvintes e acaba de levar Chappell Roan à parada da Billboard Hot 100, pela primeira vez. A música atingiu a posição 77 no chart. A faixa também se destaca no Spotify Global, ultrapassando 16 milhões de reproduções. Natural de Willard, no Missouri, Chappell Roan chama a atenção por sua voz angelical e potente, estilo vibrante dos figurinos e maquiagem, inspirados por artistas de drag, intensa presença de palco e uma batida envolvente.

Divulgação



Livres para ousar

A Kings of Leon apresenta nova faixa do próximo álbum, "Can We Please Have Fun", com lançamento previsto para 10 de maio. "Nothing To Do" está nas plataformas. O novo disco de estúdio da banda do Tennessee (EUA) é uma carta de intenções para se soltar e flertar com o novo, enfim, se divertir. "É o som de uma banda unificada em visão e propósito, liberta de qualquer expectativa, o álbum que sempre desejávamos fazer", revela Caleb Followill (guitarra e vocal), que forma o grupo com os irmãos Jared (baixo) e Nathan (bateria) e o primo Matthew (guitarra).

Jean Carlos Gonzalez Batista/Divulgação



Amor de mão única

Um dos principais nomes do reggaeton da atualidade, Jay Wheeler disponibilizou nas plataformas digitais o single "Otro Más", segundo single de seu próximo álbum, "Buena Música para Días Malos", o oitavo da carreira do artista e antecipado por "História", que já conta com mais de 16 milhões de streams. "Otro Más", fala sobre um amor não correspondido com um ritmo potente, mantendo a essência romântica que o consagrou. Para o cantor, a razão para o sucesso da faixa é gerar identificação com o ouvinte. "É uma canção sobre uma realidade na qual nem sempre há um final feliz", revela.

O santo guerreiro contra o dragão do preconceito

Estrelada e dirigida por Alexandre Machafer, a produção nacional 'Jorge da Capadócia' enfrenta o desafio de fazer um épico à moda brasileira

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Filão inusitado em nossas telas, o épico capa & espada, com batalhas monumentais e efeitos visuais, ganha contornos brasileiros com "Jorge da Capadócia", filme sobre o Santo Guerreiro produzido, dirigido e estrelado por Alexandre Machafer. É um "Game of Thrones" do Brasil.

Na produção distribuída pela Paris Filmes, somos levados a 303 D. C. Naquela data, após ter vencido mais uma grande batalha, Jorge é condecorado como novo capitão do exército, quando o Imperador Diocleciano inicia sua última grande perseguição aos cristãos no império romano.

Diante das cruéis ordenações impostas ao povo e a pressão para que se rendam aos deuses cultuados no império, Jorge se vê diante de seu maior desafio: ser fiel à sua fé e as suas convicções ou sucumbir às ordens do imperador Diocleciano. O roteiro é impecável e abre uma série de deixas para combates frenéticos, dirigidos com eficácia.

Na entrevista a seguir, Machafer explica como idealizou o projeto.

Que dimensão heroica existe na figura de Jorge e o que te impele a explorar seu simbolismo?

Alexandre Machafer: A gente olha pra a imagem de um cara ali matando o dragão, em cima de um cavalo, e ela realmente traz uma força e um heroísmo muito presente e muito



Machafer estrela, dirige e produz a saga de São Jorge nas telas

latente, que chama a atenção de todo mundo. Com o filme, a gente tenta desvendar e desmistificar a história do Jorge. Quem foi esse cara? Quem foi esse guerreiro romano que se tornou essa figura emblemática e tão forte em mais de 35 países? Ele é patrono em pelo menos seis países. Tem um lugar especial na figura desse santo católico, que representa um sincretismo tão forte aqui no Brasil também. No filme, a gente decidiu ir para um lugar mais humano, que aproxime mais o ser humano da dor do Jorge, aproxime a dor dele da nossa dor. A gente pensou no dragão, mas entra como simbolismo, não como personagem. São os nossos dragões internos, principalmente, mas também os dragões externos. Contudo, esses que estão na nossa cabeça, dentro da gente, são o inimigo contra o qual a

gente tem que lutar diariamente.

Qual é dimensão épica do filme e qual é o limite de se investir no filão histórico/religioso no cinema brasileiro? Que preconceitos cercam o investimento nacional no gênero?

O filme realmente tem uma dimensão épica muito grande, muito forte. É um filme brasileiro feito por profissionais incríveis aqui no Brasil. O dragão foi feito aqui. Demorou muito porque é um filme de baixo orçamento. A gente não contou com recursos de investimento altíssimo como se tem em Hollywood, como se tem nos grandes streamings, mas eu acredito que a gente agora se torna uma referência mundial fazendo um épico. É o primeiro filme de São Jorge a ser contado

Divulgação

no mundo. A gente está tendo um feedback muito impressionante das pessoas por conta dessa mensagem desse guerreiro. Eu acredito que seja uma virada bem produtiva, bem interessante para o cinema nacional. Mas ainda tem um preconceito acerca dessas produções. Mas Jorge, como venceu várias barreiras, vai vencer mais essa também. A gente fez um filme de fé. É um filme de fé e devoção para qualquer ser humano que possa assistir, independentemente da sua religião. "Eu quero ver o dragão"... isso vai estar lá no filme. "Eu quero entender o que esse cara passou, como foi esse martírio"; "quero entender como é que é contada a história dele"... tudo está lá. A gente acaba pesquisando sobre esses assuntos muito em livros, mas agora a gente vê na tela do cinema.

O que o sucesso o filme pode abrir de prerrogativa para o cinema brasileiro?

"Jorge da Capadócia" abre portas para um novo olhar para o cinema nacional, para a gente acreditar que é possível produzir também filmes épicos com qualidade, despertando o interesse das pessoas. Estão comparando nosso dragão com "Game of Thrones", mas a gente não tem a verba. Lá fora, o dinheiro que eles colocam nesse universo hollywoodiano é imenso, mas a gente tem criatividade. O brasileiro não desiste nunca, quando aperta o calo, ele se reinventa. Eu acredito que o cinema nacional merece contar essa história. A gente precisa mostrar que é capaz, e temos esse orgulho de que o primeiro filme no mundo a contar a história de São Jorge é brasileiro é falado em português e feito na Capadócia. É um carioquês, mas tem a alma de todo mundo ali para contar essa história incrível de São Jorge.

Como se deram as filmagens? Onde foram realizadas e quanto tempo duraram?

A gente começou com uma pré-produção bem intensa. Foram quase cinco semanas de filmagem. Filmamos no Rio de Janeiro, em Niterói e na Capadócia, o que realmente trouxe muita força para o filme. Com os efeitos de rotoscopia, é difícil realmente você olhar e falar que é filmado no Brasil. A gente faz o que Hollywood sempre faz, mas sem dinheiro. O profissional brasileiro está de parabéns.

Em atuação
vocal
primorosa,
Milhem
Cortaz
empresta
a voz ao
antissocial
Bob Cuspe



Em busca do punk perdido... na TV aberta

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Solidão é uma palavra que serve de bússola a “Bob Cuspe - Nós Não Gostamos de Gente”, o longa-metragem que ajudou a consolidar a força da animação brasileira no exterior. Sua rojeção na TV Brasil, nesta quinta-feira, às 21h30 (com repeteco às 3h30 de sexta), é precedida pelo sucesso que o filme alcançou na Europa, em sua projeção na mais prestigiosa maratona de animação do mundo, o Festival de Annecy.

Saiu de lá coroada com o Prêmio Contrechamp. O ator Milhem Cortaz tem uma atuação antológica como a voz do Sid Vicious da periferia de São Paulo. Bob foi consagrado na revista “Chiclete com Banana”, que circulou de 1985 a 1990, chegando a imprimir 110

TV Brasil exhibe nesta quinta versão para as telas do anti-herói das HQs Bob Cuspe, premiado no maior festival de animação do mundo

mil exemplares. O almanaque foi um marco do gibi nacional.

Sua trama fala do sentimento de desamparo dos que acreditaram no punk como expressão de rebeldia capaz de conter a náusea da utopia falida dos anos 1980. É o desamparo dos que vivem numa metrópole onde cabe de tudo, só se agigantando em suas contradições.

É o desamparo dos que criam na medida do risco, como é o caso de Arnaldo Angeli Filho, cartunista que é, a um só tempo, protagonista e arena de uma narrativa ani-

mado em stop motion, técnica na qual objetos são filmados quadro a quadro, dando uma sensação de movimento. Narrativa que se passa, parcialmente, na cabeça dele.

Mesclado documentário e fábulação, com uma faísca de sinestesia antes só testada pelo curta glauberiano “Jorjamado no Cinema” (1977), o longa é um liquidificador de referências pop. A direção é de Cesar Cabral.

O cineasta de Santo André esteve em Sundance, em 2011, com o premiado curta-metragem

“Tempestade” e colecionou láureas (como o troféu Coral, do Festival de Havana, e dois Kikitos de Gramado) por “Dossiê Rê Bordosa”, também baseado no universo de Angeli.

Realizado há seis décadas na França, Annecy encontrou em “Bob Cuspe – Nós Não Gostamos De Gente” uma inusitada mescla de documentário e distopia, num cruzamento de “Mad Max” com “Tapa na Pantera”, meio “Repo Man”, meio “Mais Estranho Que a Ficção”.

Em sua porção não ficcional, encontramos um .doc talking head, de muita falação, no qual o próprio Angeli, caracterizado em forma de boneco, fala de processos diversos. Ele desabada sobre o ator de criar, de viver, de se reinventar, de usar óculos escuros e de tornar isso tudo uma coisa só.

Do outro, num registro distópico, vemos o que se passa na cabeça do artista gráfico quando ele parece querer se livrar de suas crias do passado, transformando num deserto árido o que era uma São Paulo quadrinizada – e universalíssima. É uma trama sobre desapego e sobre uma perseverança quase romântica, que encontra equilíbrio na montagem de Eva Randolph.

Ao confessar não ter problemas em matar personagens, uns minutos antes de afirmar não ter proble-

ma em jogar bens materiais fora, Angeli - o cronista existencial por trás de tirinhas de HQ que amadureceram o humor nas Américas - instiga no espectador uma sensação de que a facilidade dele em se libertar de amarras pode ser um sintoma do modo como a gente vem lidando com as falências morais de nosso próprio país.

Talvez por isso, a presença de um depoimento da cartunista Laerte, que avalia esse desapegar de Angeli como um sinal de maturidade, complexifique juízos rápidos que um filme tão catártico pode gerar. E isso acontece pelo fato de uma estrutura de narrar tão metalinguística se colocar em dúvida e se problematizar todo o tempo, num gesto corajoso de seu diretor.

A dúvida maior se expressa na voz os Irmãos Kowalski (saída do gogó de Paulo Miklos), ao perguntar (o tempo todo) se o tal Bob Cuspe é o escolhido... ou seja, um herói. E o modo como Miklos expressa perplexidade é o melhor: “Ele não cospe mais!”

Atualmente, a TV Brasil é uma das maiores vitrines de filmes nacionais na TV aberta. No sábado, às 13h30, tem “Família Craft e o Código da 20” (2021), de Henrique Freitas, e, às 22h, rola “De Você Fiz Meu Samba”, de Isabel Nascimento e Silva.

Primeira adaptação do livro de Lima Barreto para o teatro, montagem apresenta a atualidade das críticas sociais realizadas pelo autor há 100 anos

Quando Renato Carrera e Dani Ornellas decidiram oficializar sua companhia de teatro, o nome ainda não havia surgido – e nem tampouco o texto que faria essa estreia. Lima Barreto (1881-1922), então, se apresentou, saltando o livro “Os Bruzundangas” da prateleira de uma livraria para Renato, que leu a obra, se apaixonou e decidiu montá-la. Assim começou a história que deu nome à Bruzun Company, composta ainda por Hugo Germano e Jean Marcell Gatti, e os direcionou ao musical “Os Bruzundangas”, montagem inédita dirigida por Dani e Renato em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil.

Primeira adaptação da célebre literatura de Lima para o teatro, a peça é uma comédia satírica que bebe da fonte do teatro de revista, apresentando a vida brasileira nos primeiros anos da Primeira República com números de vedetes, questões políticas e canções, unido a uma dramaturgia que foi formatada através de várias crônicas sobre o mesmo assunto: a temática social brasileira sob um viés político.

Bruzundanga é um país fictício, com o qual o nosso Brasil tem afinidades - diversos problemas sociais, econômicos e culturais. Lima Barreto o descreveu como uma jovem República que lutava num ambiente de colapso do modelo escravocrata embora ainda persistisse o predomínio dos grupos ligados à grande lavoura. Um país onde proliferavam elites incultas que dominavam o povo. Racismo e pobreza são duas de suas muitas mazelas.

Em cena, os quatro atores cantam, dançam e interpretam suas aventuras através da ironia tipicamente carioca, embaladas por canções originais cantadas ao vivo. “Este texto endossa uma questão muito nossa, da nossa língua, nossa brasilidade, nossa realidade, e com humor. Lemos o livro inteiro, juntos e em voz alta, pra entender o que daria pra transformar em dramaturgia a partir de um livro que é composto por crônicas do come-

Bruzundanga, um país com jeito de Brasil



‘Bruzundangas’ usa elementos satíricos que bebem diretamente do teatro de revista

ço do século XX. Trabalhamos sempre em cima do ator e da palavra, compreendendo a fala daquela época, realizando uma pesquisa consciente do que falamos em cena. É mágico montar este texto e ter sua encenação estreando nos palcos do CCBB, que fica numa região onde o Lima Barreto viveu. Andamos pelas ruas da região pensando que ele circulava por aqui, como nós fazemos hoje. É a mesma ambiência, mas 100 anos depois”, observa Carrera.

Publicada postumamente em 1922, a obra de Lima contempla, sobretudo, a temática social, privilegiando os pobres, os boêmios e os arruinados, assim como a sátira que criticava de maneira sagaz e bem-humorada os vícios e corrupções da sociedade e da política. E este perfil veio ao encontro da demanda da companhia, que busca mostrar Lima Barreto de uma forma que ele não costuma ser mostrado.

“Não vemos uma foto do Lima sorrindo, por exemplo, só se fala que ele era alcóolatra e coisas do tipo, sendo que ele é um dos nossos maiores escritores. Na minha infância eu passava com meus pais pela porta do CCBB sem adentrar o espaço, que parecia não ser feito para pessoas como nós. Eu sou uma mulher

preta e hoje estar estreando na direção teatral, com esta peça e neste teatro, sinto como um reforço do meu propósito de dar voz aos meus pais, que hoje já não estão aqui em matéria, e a tantas outras pessoas pretas e indígenas que foram enterradas no entorno deste prédio e nele não puderam entrar. É muito significativo pra mim”, pondera Dani Ornellas.

Parceria póstuma

À frente da direção musical, Maíra Freitas traz um colorido à encenação, onde imprime seu ritmo para as letras de... Lima Barreto. “De todas as letras, a única composta por mim é a que abre a montagem. Todas as demais foram tiradas de frases do livro, buscando a rima e a coerência de ideias exprimidas por Lima”, revela Carrera. “E quando a gente fala em musical o pensamento vai na Broadway, né? Mas como podemos pensar nisso se a terra primeira, onde nasceu a música, foi a África, território onde, até hoje, as crianças trabalham o movimento corporal desde muito cedo? Então desconstruir a ideia de um musical eurocêntrico e americano, e conseguir fazer a música brasileira ressoar em corpos brasileiros me interessa como musical”, complementa Ornellas, que acredita que as

canções de Maíra Freitas respaldam esta ideia.

“Eu gosto de fazer a música partindo da letra, já temos alguma coisa resolvida e vamos ajeitando pra caber na música. A ideia está ali e o desafio é escolher as palavras mais importantes, o que vamos sublinhar, onde a melodia fica mais aguda ou mais grave, onde acontece aquele momento que faz as pessoas pensarem. E várias músicas da peça tem isso. Pra mim, música é educação, é o rito mais fácil pra ensinar. Falar simples, falar pouco, fazendo todo mundo cantar e entender o que você quer”, pontua Maíra, que levou em conta ritmos da época em sua composição. “Tem momentos de ser bem temporal, mas passando pelos ritmos brasileiros e passando por esses 100 anos de ritmos brasileiros, assim como tem o livro de Lima Barreto”, destaca a diretora musical, cantora e compositora.

SERVIÇO

OS BRUZUNDANGAS

Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Até 19/5, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Formada por artistas entre 45 e 60 anos, única companhia de dança charme tradicional do país chega à internet com filme e retoma temporada de apresentações na comemoração dos seus 10 anos

A hora e a vez do charme raiz

Única companhia de Dança Charme tradicional do Brasil e que se propõe a manter ativa o gênero consagrado nos bailes das décadas de 1980 e 1990, os Originais do Charme completam dez anos e para contar a trajetória do grupo, formado por dançarinos entre 45 e 60 anos, acaba de ser lançado o documentário “Originais do Charme – Na Área”. O audiovisual pode ser visto no canal do grupo no Youtube.

Nos palcos, os “Cascudos” (como são chamados) farão um tour comemorativo por dez teatros da rede Sesc Rio, no projeto “O Corpo Negro”, de 26 de abril a 24 de maio. Na ordem, serão contempladas as unidades de Rosinha de Valença, Ramos, Niterói, São Gonçalo, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Barra Mansa, Centro Cultural Sesc Quitandinha, Nova Friburgo e Teresópolis. Além disso, o grupo finaliza a produção de um novo projeto no teatro, que será lançado no segundo semestre. “Flashblack” fará um passeio nostálgico e afetivo por grandes clássicos da primeira geração dos bailes, nas décadas de 1980 e 1990.

“Frequentamos bailes, temos muitos alunos em turmas de dança charme, e percebemos ser clara essa necessidade de um projeto de dança que representasse os ‘cascudos’, os dançarinos da geração

pioneira do charme. Eles foram responsáveis pela popularização do gênero. Buscamos agora nos fortalecer como grupo num esforço genuíno para a sua profissionalização. Por isso, queremos resgatar esse período como forma de registro cultural/artístico. Não existe hoje ninguém no Rio de Janeiro que se proponha a fazer algo do tipo em versão de espetáculo. O charme carioca difundido pelos corpos periféricos, elegantes e dançantes de seus próprios personagens originários”, exalta Marcus Azevedo, coreógrafo, pesquisador, diretor geral da companhia e uma das maiores referências em Dança e Cultura Charme no Brasil.

O projeto foi muito além dos palcos. Ao longo do tempo, tornou-se um gerador de oportunidades para os seus integrantes, que se profissionalizaram e hoje

muitos atuam como instrutores de dança charme. “A companhia hoje é muito mais do que somente se apresentar em espetáculos ou estar presente juntos curtindo um baile. Eles pensaram para além disso e fizeram esse benefício que a dança e a cultura trouxeram para eles se multiplicar, levando isso para mais pessoas e trabalhar os lugares onde o charme faz muito bem: a autoestima, a saúde, o combate à depressão. É uma dança leve, então muitas pessoas optam pela Dança Charme para fazer conexão com novas amizades, perder peso, movimentar o corpo. E esse corpo charmeiro é muito mais gostoso de dançar”, reforça o coreógrafo.

Coreografias clássicas

As coreografias dos Originais do Charme são clássicas - raras nos bailes de hoje, que recebem in-

terferências de vários estilos mais urbanos e cruzados com outras referências. Marcus explica que esse é o resultado de ampla pesquisa sobre os passos, os trajés e o repertório dos primeiros bailes. “Pensamos em tudo com muito respeito à cultura charme e a esses dançarinos e dançarinas, que iniciam um novo momento, uma nova forma de apresentar o seu legado, o que ajudaram a construir e mostrar que a idade não é uma barreira. Essa construção segue em curso, se renovando com toda força. E só eles podem contar essa história e são pioneiros mais uma vez”, destaca Marcus.

A iniciativa surgiu pela necessidade de preservação dessa memória, mas conectada também a outras matrizes culturais, como o samba e as danças latinas, e tem ganhado projeção nacional, sendo

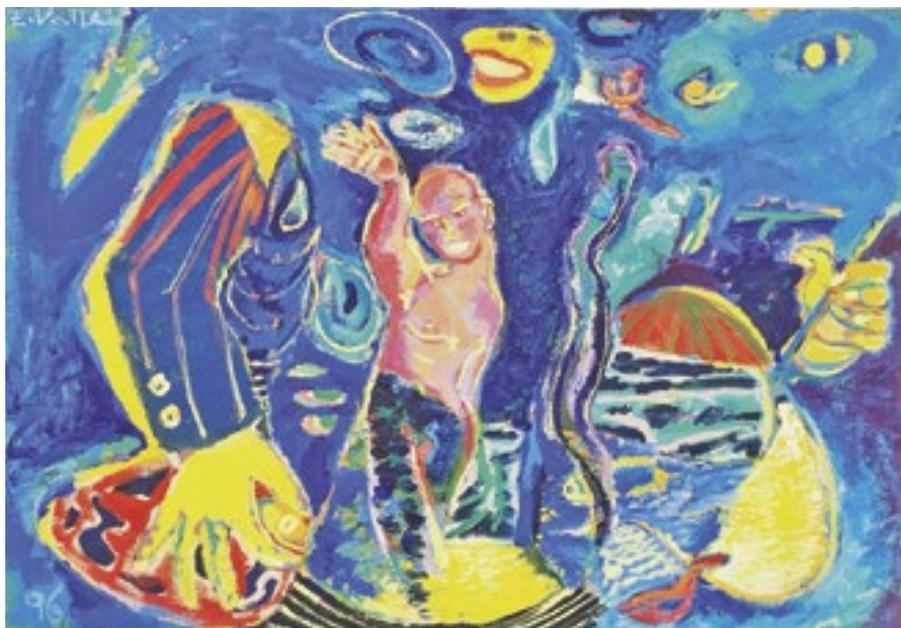
destaque, inclusive, na grande mídia. “Falar dos Originais do Charme é falar sobre o início da dança charme, pois a companhia faz esse resgate de um lugar onde tudo começou e a preservação de toda a sua cultura. E completar 10 anos representa um marco disso tudo”, conta Eduardo Gonçalves.

SERVIÇO

ORIGINAIS DO CHARME
Apresentações na rede Sesc
26/04, às 20h – Valença
2/5, às 19h – Ramos
3/5, às 19h – Niterói
4/5, às 17h – São Gonçalo
10/5, às 19h – São João de Meriti
11/5, às 19h – Nova Iguaçu
16/5, às 19h – Barra Mansa
17/5, às 19h30 – Petrópolis
23/5, às 19h – Nova Friburgo
24/5, às 19h30 – Teresópolis

As coreografias dos Originais do Charme remonta a fase em que o gênero começa a se destacar na periferia carioca

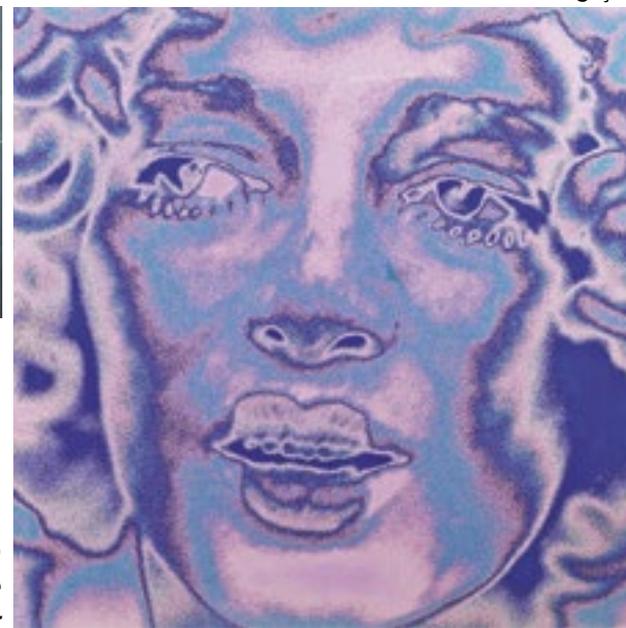




'Felino', de
Claudio Fonseca

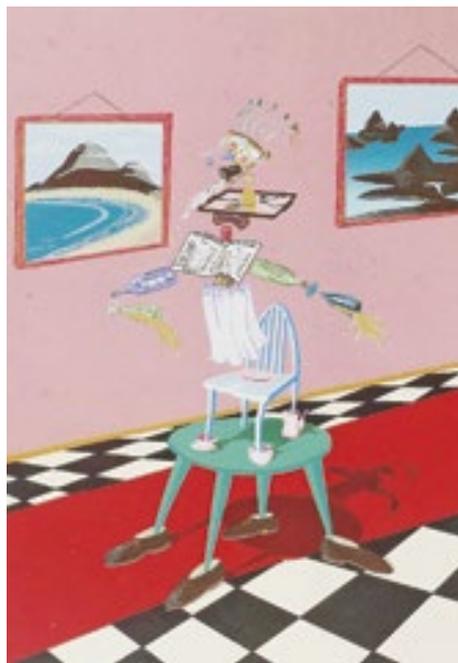
'Smiles',
de Eneas
Valle

'Marilyn
Monroe', de
Arthur Omar



Mostra comemora quatro décadas da Geração 80, importante movimento artístico brasileiro, com obras de nomes como Daniel Senise, Cristina Salgado, Alex Cerveney e Claudio Fonseca

Parece que **foi ontem**



'O Graçom',
de Cristina Salgado



'Tábua de Carne',
de Jorge Duarte



'Liquidificador',
de Barrão

Para dar início às comemorações pelos 40 anos da histórica exposição “Como vai você, Geração 80?” realizada no Parque Lage em julho de 1984, a Real Galeria apresenta a mostra “Geração 80 – 40 anos depois”. A exposição faz um recorte no movimento que foi um marco na Arte Contemporânea Brasileira, com cerca de 40 obras de 27 artistas, entre pinturas, gravuras, colagens, composições e objetos.

Estão representados na exposição nomes

consagrados como Jorginho Guinle, Daniel Senise, Cristina Salgado, Jorge Duarte, Fernando Barata, Paulo Paes e Alex Cerveney. O público também poderá conferir trabalhos de artistas como Alex Vallauri e Claudio Fonseca, que têm um acervo pequeno, por conta da morte prematura de ambos. Já professores do Parque Lage na época, Alberto Kaplan, José Maria Dias da Cruz, João Golberg e a holandesa Katie Van Scherpenberg também têm obras na mostra.

“Tudo o que aparecia a Geração 80 acei-

tava e fazia a transubstanciação para a sua leitura, com muito talento. Por isso, o movimento será sempre um paradigma fundamental na arte brasileira”, explica Armando Sampaio, diretor da Real Galeria de Arte Contemporânea.

A Geração 80 foi um movimento artístico crucial para a cena cultural brasileira durante a década de 1980. Reuniu jovens artistas preocupados com uma arte mais engajada e crítica, voltada para a realidade do Brasil, e trouxe um retorno da pintura mais subjetiva.

Na exposição, 123 artistas de diferentes partes do país mostraram suas obras no Parque Lage, numa explosão de cores e texturas.

SERVIÇO

GERAÇÃO 80 – 40 ANOS DEPOIS
Real Galeria de Arte Contemporânea
(Av. Princesa Isabel, 500 - Copacabana)
Até 24/5, e segunda a sexta, das 12h às 17h* | Entrada gratuita

*Os horários também podem ser agendados pelo telefone (21) 2546-6565.